

Entre o “freudiano” e o “pós-freudiano”: uma fronteira no conceito de pulsão (instinto) de morte¹

José Luiz F. Petrucci²

RESUMO Para o autor, “Pulsão de morte” (*death instinct*) é um conceito metapsicológico e muito pouco além disso. Ele existe no reino das crenças abstratas sobre os mecanismos psicológicos, mas *não* no reino dos pensamentos, dos sentimentos e da conduta. Esta afirmação, que é o inverso do que escreve Thomas Ogden quando se refere ao conceito de identificação projetiva, é um bom resumo para o meu trabalho. O objetivo é apresentar um possível debate entre as ideais de Sigmund Freud e Melanie Klein sobre as relações entre angústia e pulsão de morte e discutir o entendimento deste conceito na clínica psicanalítica.

PALAVRAS-CHAVE pulsão de morte (*death instinct*); metapsicologia; experiência clínica

Num momento em que estive preparando um texto sobre a questão para apresentar em uma mesa redonda, vi no *International Journal of Psychoanalysis* um trabalho da Dra. Rachel B. Blass (2014), da Sociedade Britânica de Psicanálise, com o título “On ‘the fear of death’ as the primary anxiety: How and why Klein differs from Freud” (Sobre o medo da morte: como e por que Klein e Freud divergem). O texto foi, então, inspirador para o que acabei de dizer na referida mesa redonda e continua me inspirando a falar sobre a questão da pulsão (instinto) de morte neste trabalho. O texto estimulou minha imaginação e me permitiu fantasiar o que poderia ter sido um diálogo entre Klein e Freud, nos seguintes termos (fazendo uma livre tradução do original inglês da Dra. Blass):

1. Trabalho apresentado no XXVI Congresso Brasileiro de Psicanálise, Fortaleza, novembro de 2017, com o título “Desenvolvimentos pós-freudianos do conceito de pulsão (instinto) de morte”

2. Membro Titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

Klein diverge de Freud em um importante ponto de vista. A maior diferença é verificada no papel que o medo da morte desempenha na emergência da ansiedade. Nas palavras de Klein: “eu faço a hipótese de que a ansiedade surge do perigo que ameaça o organismo vindo do instinto³ de morte, e eu sugiro que esta é a principal causa da ansiedade... a ansiedade tem sua origem no medo da morte” (Klein, 1948, p. 25-42).

Para Freud, contrastando com o ponto de vista de Klein, isso é impossível, já que “o inconsciente parece não conter nada que possa satisfazer nosso conceito de aniquilamento da vida” (Freud, 1926, p. 129). Seguindo o texto da Dra. Blass, Freud se refere – contrastando com um sentimento de temor inconsciente ao aniquilamento da vida, para ele então inexistente no inconsciente – à ansiedade de castração, que é conhecida por nós através das experiências que temos todos os dias “das fezes separando-se do corpo ou baseada na perda do seio materno no desmame” (p. 129-130).

Blass (2014) nos chama a atenção novamente para o que está ainda em “Inibição, Sintoma e Angústia”, texto no qual Freud nos fala das experiências da infância, quando a criança enfrenta real perigo à sua vida, como o perigo inerente ao nascimento (Freud, 1926, p. 135). Ainda refere que o que então é experimentado não é uma potencial destruição, mas um distúrbio na economia da libido narcísica... essa causa econômica do medo da morte correspondendo às razões de Freud que as atribui às precoces perdas (p. 135). Continuando com que escreve a Dra. Blass sobre o mesmo texto freudiano, ali, a visão de Freud em relação à ansiedade está muito mais focada nos conteúdos psíquicos e em sua natureza relacional. O medo da castração, por exemplo, é um medo de perda e separação, não apenas de parte do corpo, mas também das ligações do menino com sua mãe. A separação do próprio genital é fundamentalmente um perigo, porque “Esse órgão é uma garantia a seu possuidor de que ele pode novamente se unir à mãe” (Freud, 1926, p. 139).

Esse “diálogo”, que imaginei ter havido entre Freud e Klein me fez concluir que, em relação às causas primárias da angústia, Klein, ao insistir na descoberta freudiana do instinto de morte (*death instinct*) foi mais freudiana que Freud; já Freud, que em sua discordância com Klein atribui a angústia a perdas de objeto, portanto, algo relacionado às relações de objeto, foi mais kleiniano que Klein. Neste ponto, cheguei à ideia central deste trabalho: discutir as fron-

3. 1 Klein, no original inglês, sempre usou o termo “*instinct*”, portanto *instinto*.

teiras entre o freudiano e o pós-freudiano no conceito do instinto (pulsão) de morte. Pensei essa fronteira existindo na forma de uma “caesura”, conforme Bion (1977) a descreve. Seguindo o que diz Bion, imaginei, portanto, uma relação entre o freudiano e o pós-freudiano não como uma ruptura entre o que pensam uns e outros, mas em um diálogo entre as duas posições teóricas, usando a conhecida seta de duplo sentido bastante conhecida na obra do autor (\leftrightarrow). A seta de duplo sentido, usada por alguns autores, entre eles Bion, indica uma alternância entre, por exemplo, dois estados mentais, como as chamadas posições esquizo-paranoide e depressiva.

Permito-me um breve parêntese sobre isso: se não é então o medo da morte o que é defletido no objeto naquele mais precoce movimento psíquico descrito por Klein, mas a angústia de separação, isto me reforça a ideia de que essa deflexão representa uma busca do que não é presente, a busca pelo objeto que sacia, mas não só: é também a busca pela vida. Também me faz pensar na conhecida discordância de Bion sobre um aspecto da obra de Klein: ela afirmava que a predominância da pulsão de morte sobre a pulsão de vida em certos indivíduos determinaria uma impossibilidade de sucesso com o tratamento analítico, por ser impossível para eles a introjeção. Para Bion (1967), a questão não se resolverá pela dominância ou não da pulsão de morte, mas pela ação da *função alfa*, da mãe e/ou do analista.

Ao pensar na questão da pulsão de morte, agora especificamente buscando inspiração para o que eu pretendia trazer para este trabalho, lembrei-me de dois artigos que havia lido numa edição patrocinada pela Associação Psicanalítica Internacional, “Estudio sobre el ‘Análisis Terminable e Interminable’ de Sigmund Freud” (Sandler, 1989).

O primeiro, “Obstáculos a la cura analítica: comentários sobre ‘Análisis terminable e interminable’”, de Eskelinen de Folch (1987), inicialmente se refere aos pontos obscuros que Freud encontrou em sua clínica, relativos ao que chamou de compulsão à repetição, pontos obscuros que de início atribuiu à própria natureza da pulsão sexual por fatores que não seriam favoráveis a uma plena satisfação, e que posteriormente relacionou à pulsão de morte. Para Eskelinen de Folch (1987), aquilo que chamou de *núcleos obstrutivos* e que encontrou em vários pacientes de sua clínica teve como causa as dificuldades de tais pacientes de fazerem frente a impulsos destrutivos, ao ódio e à inveja. Esses pacientes, continua Eskelinen de Folch (1987), são capazes de utilizar todo tipo de defesas para manter fora de suas consciências tais aspectos, na medida em que temem que representem um risco de desequilíbrio mental. Citando Klein, faz

referência a que esses temores se referem a objetos terríficos muito primitivos. Segundo Eskelinen de Folch (1987), esses objetos estão presentes na relação de objeto e, portanto, na relação com o analista, objetos estes que se fazem aí presentes através de cisão e dissociação. Em grande parte, diz a autora, esta cisão e a conseqüente dissociação são uma forma de esses pacientes tentarem transformar os objetos terríficos em objetos “bons”, no que concorda Ogden. Para este, a compulsão à repetição é uma tentativa de transformar objetos maus em bons, e isto se constitui num importante fator para a possibilidade terapêutica de tais pacientes (Ogden, 1986).

Seguindo no texto de Eskelinen de Folch (1987): a cisão e a dissociação de tais objetos obstrutivos, ao serem identificados projetivamente, produzem uma dramatização de seus conflitos no mundo externo, dramatização na qual será incluído o analista, com enorme dificuldade para ele, mas ao mesmo tempo, como se sabe, um valiosíssimo instrumento técnico. Aqui novamente lembro Ogden e sua descrição do conceito de identificação projetiva:

A identificação projetiva não é um conceito metapsicológico. O fenômeno que ela descreve existe no campo dos pensamentos, sentimentos e da conduta, não no campo das crenças abstratas sobre os trabalhos da mente [...] isto é, a maneira com que uma pessoa faz uso de outra pessoa para que esta última experimente e contenha aspectos dela própria (Ogden, 1982, p. 1).

O conceito deste autor sobre a identificação projetiva é importante quando pensamos em analisar o fenômeno da contratransferência.

Voltando ao texto de Eskelinen de Folch, escreve ela: “quando o indivíduo utiliza primordialmente a cisão e a identificação projetiva, seu conflito intrapsíquico se converte em um conflito com a realidade externa, um conflito interpessoal” (1987, p. 116), e eu acrescento: com o analista, tornando-se fundamental questão técnica, como afirmei acima.

Dando seqüência ao raciocínio que este texto me fez seguir, todos aqueles núcleos obstrutivos de que nos fala a autora e que levaram Freud a escrever a sua “Análise terminável e interminável” parecem mesmo terminar em um conflito que o paciente faz o analista experimentar, e o levantamento dessas obstruções vai depender da tolerância do analista, com toda a dificuldade que disto decorre para ele: de conter esse conflito e entendê-lo a partir da compreensão de seus próprios conflitos. Em minha opinião, a visão tanto de Eskelinen de Folch quanto de outros ditos “pós-freudianos” se constitui,

enfim, em instrumento técnico de muito maior utilidade do que viagens pela metapsicologia. Seguindo esse pensamento, num outro capítulo desse mesmo "Estudio sobre el 'Análisis Terminable e Interminable' de Sigmund Freud" (Sandler, 1989), Arnold Cooper faz um interessante comentário sobre a questão da pulsão das pulsões.

Freud adota duas decisões metodologicamente interessantes. Em primeiro lugar, decide que, ao tempo de eleger entre o Ego e a pulsão, a variável importante a estudar é a pulsão. E em segundo lugar, afirma que não é possível chegar a uma compreensão da pulsão a partir de bases clínicas, mas que é preciso abordar o tema a partir da metapsicologia. A primeira decisão, consistente em centrar-se mais na pulsão que no Ego em suas inteirações com o entorno, é transcendental. Em que pesem os grandes progressos da psicologia do Ego, e o crescente interesse pelo Superego, Freud regride à sua metapsicologia mais precoce, fazendo grande finca-pé na dimensão quantitativa da pulsão (Cooper, 1987, p. 128).

Mais adiante, Cooper, em afirmação que complementa a ideia que proponho neste trabalho, afirma:

Se nos fixarmos agora nas questões defendidas por Freud em relação às circunstâncias em que surge a enfermidade psíquica, é provável que nossa decisão seria hoje a mesma na hora de eleger o objeto e os métodos de estudo. Hoje nos interessaria estudar as mudanças no entorno das relações objetais, suscetíveis de interferir nas funções de regulação e controle do Ego, e decidiríamos estudar essas circunstâncias clinicamente, mais do que metapsicologicamente. Ocupar-nos-íamos sobre o modo como os afetos, as relações objetais e o *self* evoluem em complexidade e sutileza em suas organizações e o modo como o indivíduo irá desenvolver suas próprias capacidades de modulação e tranquilidade (Cooper, 1987, p. 130).

Considerações finais

O que se conhece em psicanálise como pulsão (ou instinto) de morte é um conceito criado por Freud a partir da biologia, e parece ter sido levado para o campo psicológico para satisfazer suas necessidades de explicar coisas como os sonhos de angústia, ou o masoquismo, em seu aspecto econômico. No entanto, penso que as teorias das relações de objeto, de introjeções e projeções como mecanismos fundamentais na formação do psiquismo mudaram completa-

mente o quadro das teorias psicanalíticas, com a valorização do objeto interno. O próprio masoquismo não pode ser pensado sem o seu oposto, o sadismo, determinando todo o funcionamento psíquico como consequência da presença de uma relação de objeto. Melanie Klein parece ter fincado o pé na crença do instinto de morte, mas colocou um valor no conceito que nem o próprio Freud assumiu, pelo menos clinicamente.

Como parece a mim e a muitos colegas com os quais tenho debatido, a questão da pulsão (instinto) de morte está longe de ser resolvida. Por isso, mantenho o que disse acima: a fronteira entre o freudiano e o pós-freudiano precisa se manter permeável. Como dizem muitos estudiosos de Freud, vamos levar ainda, possivelmente, algumas centenas de anos para entender tudo o que o gênio de Sigmund Freud nos deixou. Não será surpreendente que em algum momento possamos evoluir o suficiente para entender o que ele quis dizer com sua teoria da pulsão (instinto) de morte.

A borderline between freudian and pos-freudian concepts of death instinct

ABSTRACT To the auctor, death instinct is a metapsychological concept, and not much than this. It exists in the realm of the abstracts beliefs about the workings of the mind, but not in the realm of thoughts, feelings and behavior. This is the other way round of Thomas Ogden`s definition of the concept of projective identification and became a good summary to my work. The goal of the work is to show a fictional discussion about ideas about anxiet and death instinct and knowledge of the concept in psychoanalitic clinic.

KEYWORDS death instinct; metapsychology, clinical experience

Entre el “freudiano” y el “pós-freudiano: una frontera del concepto de pulsion (instincto) de muerte

RESUMEN Para el autor, pulsão (instinto) de muerte es um concepto metapsicológico y muy poco além de esto. El existe en el reino de las creencias abstractas sobre los mecanismos psicológicos, pero no em el reino de los pensamientos, sentimientos y de la conducta. La afirmación, que es el inverso de lo que escribe Thomas Ogden quando se refiere al concepto de identificación projectiva y es um buen resumen para mi trabajo. El trabajo se propone a discutir probables ideas de Sigmund Freud e Melanie Klein sobre angustia y pulsión de muerte y lo que sabemos sobre o conceito na clínica psicanalítica.

PALABRAS CLAVE pulsión (instinto) de muerte, metapsicología; experiência clínica

Referências

- Bion, W.R. (1967). *Second thoughts*. Londres: Heinemann.
- Bion, W.R. (1977). *Two papers, the grid and caesura*. Rio de Janeiro: Imago.
- Blass, R. (2014). On 'the fear of death' as the primary anxiety: How and why Klein differs from Freud. *International Journal of Psychoanalysis*, 95 (4), p. 613-627.
- Cooper, A. M. (1987). Comentarios al 'Análisis terminable e interminable' de Freud. Em *Estudios sobre el "Análisis Terminable e Interminable" de Sigmund Freud*. Madrid: Tecnipublicaciones.
- Eskelinen de Folch, T. (1987). Obstáculos a la cura analítica: comentários sobre "Análisis terminable e interminable", de Sigmund Freud. Em: *Estudios sobre el "Análisis Terminable e Interminable" de Sigmund Freud*. Madrid: Tecnipublicaciones.
- Freud, S. (1974). *Inhibitions, symptoms and anxiety*. In S. Freud. S.E. Vol. XXII (p. 129-139) (Originalmente publicado em 1926).
- Klein, M. (1975). On the Theory of Anxiety and Guilt. In M. Klein, *Envy and Gratitude and Other Works*. Londres: The Hogart Press (originalmente publicado em 1948).
- Sandler, J. (1987). *Estudio sobre el 'Análisis Terminable e Interminable' de Sigmund Freud*. Madrid: Tecnipublicaciones.
- Ogden, T. (1982). *Projective Identification and Psychotherapeutic Technique*. Northvale: Jason Aronson.
- Ogden, T. (1986). *La matriz de la mente*. Madrid: Tecnipublicaciones.

Recebido: 10/01/19

Aceito: 10/04/19

José Luiz F. Petrucci
Endereço: Rua 24 de outubro, 838, sala 409
Porto Alegre – RS.
Telefone celular: (55) 51 98141-0497
petruccijoseluiz@gmail.com